

Análise inicial do alongamento compensatório a partir da queda das vogais postônicas em itens no diminutivo

Primary analysis of compensatory lengthening triggered by postonic vowels deletion on lexical items with the diminutive morpheme

Caio Mieiro Mendonça¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Eliete Figueira Batista da Silveira²

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este trabalho é um estudo piloto que investiga os casos de alongamento compensatório motivados pela queda da vogal vogal postônica [ɔ] em itens com marcação de diminutivo em dados de fala carioca, tal como em [pa.sa.'ɾi.jɔ] → [pa.sa.'ɾi∅]. A proposta visa a apresentar as primeiras discussões sobre as diferenças percentuais de alongamento vocálico em itens com diminutivo gramatical – “banquinho”, “tudinho” – e em itens lexicalizados – “armarinho”, “docinho”. Busca-se analisar a duração das sílabas tônicas de itens com manutenção e queda da postônica, além de estabelecer um contraste do percentual de alongamento das vogais tônicas nos dados de lexicalização e modificação gramatical. A hipótese de pesquisa postula que itens com morfema diminutivo e itens lexicalizados se comportam de modo diferente em relação ao alongamento compensatório, sendo os primeiros mais expressivos em relação ao alongamento pela necessidade de o falante reforçar a modificação gramatical. O *corpus* da pesquisa é composto de dados de leitura. A base teórica adotada segue os pressupostos da Teoria da Sílabla (Kahn, 1976; Kiparsky, 1982; Clements & Keyser, 1981, 1983; Hyman, 1985; Clements, 1990; Moraes & Wetzels, 1992; Collischonn, 2001; Alves, 2017; Bisol, 2017). Os resultados obtidos parecem refutar a hipótese levantada e apontam para outros condicionamentos de ordem linguística para o fenômeno.

Palavras-Chave: Alongamento compensatório. Diminutivo. Lexicalização. Teoria da Sílabla.

Abstract: This paper is a pilot study that investigates the compensatory lengthening triggered by the loss of the word-final vowel [ɔ] in items with diminutive morpheme on the dialect of Rio de Janeiro (RJ), as shows [pa.sa.'ɾi.jɔ] → [pa.sa.'ɾi∅]. The study aims to present the primary discussions of percentual differences between compensatory lengthening on words with the morphological mark – “banquinho”, “tudinho” – and on lexicalized items – “armarinho”, “docinho”. The analyses focus on the duration of tonic syllables with and without vowel deletion, and on the contrast of the increase percentage of tonic vowels on items with morphological modification and on cases of lexicalization to compensate for the deletion of the neighbouring vowel. The research hypothesis postulates that items with diminutive morphemes and the lexicalized ones behave differently on what refers to the compensatory lengthening; due to the speaker's necessity of reinforcement of the morphological aspect on items with the grammatical mark itself, this group of data would present the larger amount of lengthening. The analysis *corpus* is formed by reading data. This study is based on the Syllable Theory (Kahn, 1976; Kiparsky, 1982; Clements & Keyser, 1981, 1983; Hyman, 1985; Clements,

¹ Professor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É bolsista de doutorado em Língua Portuguesa do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, com financiamento FAPERJ/CAPES. E-mail: caio.mieiro@gmail.com.

² Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutorado em Língua Portuguesa pela Universidade de Lisboa com financiamento da CAPES. É membro efetivo do GT de Sociolinguística da ANPOLL e associada à ABRALIN. Atualmente ocupa o cargo de Professor Associado III na Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando na graduação e pós-graduação. E-mail: elietesilveira@letras.ufrj.br.

1990; Moraes & Wetzels, 1992; Collischonn 2001; Alves, 2017; Bisol, 2017). The results point to the rebuttal of the hypothesis and indicate other possible linguistic conditionings for the phenomena.

Keywords: Compensatory lengthening. Diminutive. Lexicalization. Syllable Theory.

1 INTRODUÇÃO

O sistema vocálico do português brasileiro configura-se em quadros distintos organizados de acordo com o posicionamento das vogais nas palavras em relação à sílaba tônica. Alguns morfemas, como o de diminutivo – manifestado por [-inh-] e outros alomorfes – alteram a configuração sonora da palavra modificada por sobreposição de duas sílabas à margem esquerda do item (uma sílaba tônica, que ou se mescla à última sílaba da palavra – no caso de modificação de palavras temáticas – ou é adicionada após a última sílaba – em se tratando de palavras atemáticas –, seguida de uma postônica, que sempre soma uma sílaba a mais ao vocábulo). No português brasileiro, incide sobre os itens masculinos com modificação pelo morfema diminutivo – travados à margem direita por morfema diminutivo + vogal temática [-o] – um fenômeno de erosão fonética que leva à queda da vogal postônica e ao aumento da duração da vogal tônica que a antecede – [pa.sa.'rĩ.ɲʊ] → [pa.sa.'rĩ∅]. Cristófarro Silva (2017) refere-se a esse efeito na duração vocálica como alongamento compensatório, “fenômeno fonológico em que uma vogal é alongada quando um segmento adjacente é apagado” (p. 55).

Este texto é um estudo piloto sobre o rearranjo da duração silábica a partir da queda das vogais postônicas postônica [ʊ] de itens lexicais no diminutivo, em dados de fala carioca. A proposta aqui apresentada visa a discutir os casos de alongamento em itens lexicalizados, nos quais não se identifica mais uma modificação morfológica, mas sim a rotulação de um novo referente, [aʁ.ma.'rĩ.ɲʊ] → [aʁ.ma.'rĩ∅], [do.'sĩ.ɲʊ] → [do.'sĩ∅], e em diminutivos propriamente ditos, nos quais se identifica o expediente morfológico de diminutivo, [ban.'kĩ.ɲʊ] → [ban.'kĩ∅], [tu.'dʒĩ.ɲʊ] → [tu.'dʒĩ∅]. O objetivo primário do estudo é analisar a duração das sílabas tônicas de itens com e sem apagamento da postônica. Como objetivos secundários, propõem-se uma discussão acerca do estatuto fonológico das vogais nasais na língua e ainda o contraste da diferença de alongamento das tônicas de itens lexicalizados e de diminutivos gramaticais.

A hipótese que norteia a pesquisa considera que, em itens lexicalizados, haveria menos alongamento do que em itens com morfema diminutivo, dada a necessidade de o falante reforçar o aspecto gramatical expresso pelo morfema nos casos de modificação. O *corpus* da pesquisa é composto de 62 dados de diminutivos, coletados a partir de áudios de leitura de oito informantes. As atividades desenvolvidas nesta investigação englobam a elaboração de metodologias para coleta e análise de dados. A base teórica adotada segue os pressupostos da Teoria da Sílaba (Kahn, 1976; Kiparsky, 1982; Clements & Keyser, 1981, 1983; Hyman, 1985; Clements, 1990; Moraes & Wetzels, 1992; Collischonn 2001; Alves, 2017; Bisol, 2017).

Este artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução e da conclusão. Na seção 2, discutem-se alguns pressupostos da Teoria da Sílaba. A seção 3 aborda discussões da literatura sobre o estatuto dos segmentos nasais em português. Na seção 4,

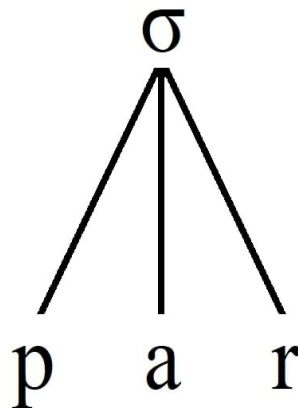
são apresentados os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa. A seção 5 discute os dados analisados.

2 TEORIA DA SÍLABA

Segundo Collischonn (2001), dois grandes modelos teóricos investigam a estrutura interna da sílaba, quais sejam: o modelo autossegmental (Kahn, 1976) e a teoria métrica da sílaba (Selkirk, 1982). A partir desses dois modelos, outros surgiram, como a abordagem de Clements & Keyser (1981, 1983) e a abordagem mórica (Hyman, 1985). A seguir, apresentam-se considerações sobre as evoluções teóricas que impactaram as representações estruturais adotadas pelos quatro modelos.

A teoria autossegmental observa sílaba como uma camada independente (σ), como proposto por Kahn (1976). Para tal modelo, os segmentos constituintes da sílaba são descritos como ligados diretamente à camada da sílaba (σ):

Figura 1: modelo de representação autossegmental da sílaba

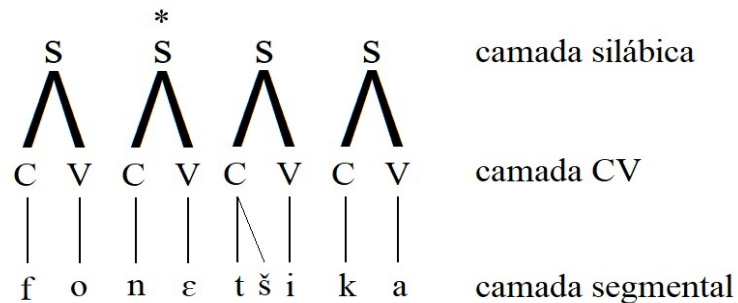


Fonte: *in* Collischonn (2001, p. 91)

Note-se que, na representação arbórea do modelo de Kahn (1976), por serem ligados à camada da sílaba (σ), os três segmentos /p/, /a/ e /r/ estão em relação de igualdade estrutural. Tal modelo toma por base que não há diferenças hierárquicas entre os três segmentos, ou seja, não se postula a existência de nós intervenientes que estabeleçam relações de dominância com os segmentos além de (σ). As implicações teóricas disso são a impossibilidade de se descrever a ocorrência de fenômenos num nível abaixo da sílaba, ou seja, para haver alteração de segmentos nesse modelo, deveriam incidir regras sobre toda a estrutura da sílaba, visto que o nível (σ) é imediatamente seguido dos constituintes.

Clements & Keyser (1981, 1983 *apud* Moraes & Wetzels, 1992) fazem uso de uma representação que se aproxima do modelo autossegmental pelo não estabelecimento de diferenças hierárquicas entre os constituintes da sílaba. Observe-se a representação do vocábulo “fonética”, na qual o asterisco indica a sílaba acentuada:

Figura 2: modelo de Clements & Keyser (1981, 1983)



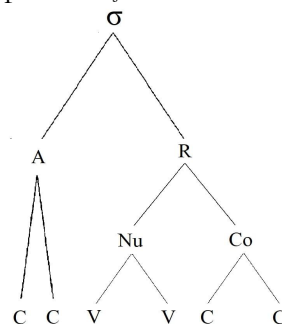
Fonte: *in* Moraes & Wetzels (1992, p. 156)

O que se observa de diferente do modelo de representação autossegmental de Kahn (1976) é o estabelecimento de uma camada CV, que identifica categorialmente os constituintes da sílaba.

A camada CV, ou “esqueleto” intermedia a associação dos segmentos às sílabas. Ela se justifica, de um lado, por distinguir posições funcionais (pico/não pico), dando assim conta do caráter silábico/assilábico dos segmentos, dispensando o traço correspondente (+/-silábico). De outro lado, ela “define as unidades primitivas de ‘timing’ no nível sub-silábico da representação fonológica” (Clements & Keyser, 1983: 11), isto é, estabelece o tempo da organização segmental. A distinção entre camada CV e camada segmental possibilita que o conteúdo segmental seja apagado sem que, no entanto, tal fato acarrete a queda da unidade temporal. É o que ocorre, por exemplo, em processos como o alongamento compensatório. (Moraes & Wetzels, 1992, p. 156)

Já a teoria métrica da sílaba analisa a unidade fonológica sílaba (σ) e estabelece sua estruturação interna por meio da representação hierárquica de seus constituintes: “Uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto (Nu), pode ser vazia.” (p. 92). É possível haver ramificações em todas as categorias, tal como demonstrado por Collischonn (2001), ao abordar a análise de Câmara Jr. (1969) sobre a palavra “grãos”, fonologicamente /grawNs/, segundo o autor.

Figura 3: representação arbórea de “grãos”



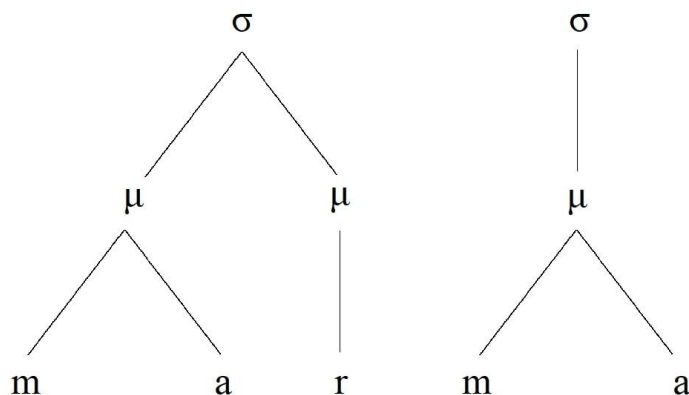
Fonte: *in* Collischonn (2001, p. 108)

A figura acima demonstra a expansão da sílaba (σ). Esta representação arbórea mostra o molde máximo de constituintes da sílaba em língua portuguesa. Note-se que ataque (A) e rima (R) são irmãos estruturais, sendo dominados por (σ), enquanto núcleo (Nu) e coda (Co) são irmãos estruturais sob o domínio da rima (R). Isso implica dizer que as relações são mais intrínsecas entre os constituintes irmãos do que entre aqueles que estabelecem outras relações estruturais.

Há, portanto, segundo a teoria, diferentes domínios internos à sílaba sobre os quais recaem diferentes processos fonológicos. Um conceito importante para os estudos de fonologia métrica é o de peso silábico, que se refere à composição da sílaba, em especial, à da rima: “Rimas constituídas somente por uma vogal são leves e rimas constituídas por vogal + consoante ou vogal + vogal (ditongo ou vogal longa) são pesadas.” (Collischonn, 2001, p. 95). A distinção entre sílabas leves e pesadas está relacionada à ramificação da rima, independentemente da constituição do ataque: “Em síntese, as sílabas leves ocupam uma posição na rima (R), ao passo que sílabas pesadas ocupam duas posições na rima.” (Batista da Silveira, 2017).

O modelo mórico observa também o peso silábico, mas propõe uma estruturação diferente para a sílaba. A sílaba passa a ser sílaba constituída de unidades de peso – moras (μ).

Figura 4: modelo de representação mórica



Fonte: *in* Collischonn (2001, p. 96)

Diferentemente da abordagem métrica, a teoria da mora observa a sílaba relacionando as posições de ataque e núcleo, não mais as de núcleo e coda, como no modelo anteriormente expresso. O peso silábico é avaliado a partir da constituição da sílaba: sílabas leves possuem uma mora e sílabas pesadas, duas. Note-se que o ataque sozinho não constitui uma mora, mas a coda, sim. O que define o peso silábico, portanto, não é a qualidade do segmento (vocalico ou consonantal), mas a posição que ele ocupa na estrutura da sílaba.

O peso silábico influencia diretamente na atribuição de acento no português. Em língua portuguesa, o acento de palavra segue regras do componente fonológico que determinam sobre qual sílaba ele recairá. É possível descrever três grandes regras regentes do acento de palavra em português, segundo Batista da Silveira (2017): i) há uma tendência

a que o acento recaia na penúltima sílaba em palavras terminadas em -a, -e e -o; ii) palavras terminadas em sílabas pesadas tendem a ter as últimas sílabas acentuadas – as atemáticas terminadas em /R S I N/ e as palavras terminadas em ditongos nasais e orais; iii) palavras atemáticas terminadas em -i e -u tendem a ter as últimas sílabas acentuadas. Há palavras, entretanto, em que a posição do acento foge às regras previstas, fazendo com que o léxico do português seja dividido em palavras não marcadas (que seguem as regras de acento) e em palavras marcadas (que fogem às regras previstas). Note-se que há uma regra específica que articula a composição da sílaba, tendo em vista seu peso, com a atribuição do acento (regra ii).

O estabelecimento de modelos teóricos que identificam diferentes camadas funcionais para a sílaba proporciona, além da observação das regras de acento, a investigação de fenômenos que atuam acima do nível dos segmentos, como é o caso do alongamento compensatório, citado por Moraes e Wetzels (1992) e por Collischonn (2001).

a teoria da mora, que toma a duração como uma propriedade independente das outras propriedades do segmento, faz uma predição interessante: quando o segmento é apagado por uma regra fonológica, a sua duração pode permanecer intacta e ser reassociada a outro segmento adjacente. Este fenômeno é observado em diversas línguas e é chamado de alongamento compensatório (Collischonn, 2001, p. 97)

Observa-se que o fenômeno do alongamento compensatório pode ser associado a diferentes perspectivas teóricas, desde que estabeleçam a divisão de níveis abstratos da estrutura fonológica da sílaba. Além dos casos de perda de um segmento, há também alongamento quando uma sílaba inteira é apagada:

alongamento compensatório [...] fenômeno fonológico em que uma vogal é alongada quando um segmento adjacente é apagado. O alongamento compensatório, tipicamente, diz respeito à supressão de uma consoante pós-vocálica do concomitante alongamento da vogal precedente. Por exemplo, /a'moR/ → [a'mo:] *amor*. Em português pode ocorrer o alongamento da vogal nasal final da palavra passarinho quando a sílaba final é apagada: [pasa'ĩ:], caracterizando um caso de alongamento compensatório. (Cristófarro Silva, 2017, p. 55)

Além desses pontos, a teoria da sílaba discute as propriedades dos segmentos constituintes para investigar por que determinados segmentos ficam às margens da sílaba e outros no núcleo, e também quais dentre os sons do inventário fonético de uma língua podem ocupar as posições de ataque (margem esquerda) e coda (margem direita). A Teoria da Sílaba postula que as margens silábicas apresentam valor decrescente em relação ao núcleo. Tal valor é medido a partir da escala de sonoridade, que considera as propriedades articulatórias dos segmentos, definindo que as classes naturais são divididas em ordem de sonoridade: 1º vogais; 2º glides; 3º líquidas, 4º nasais; 5º obstruintes (Clements, 1990 *apud* Alves, 2017, p. 130).

Ao se tratar de estrutura silábica [...], a sonoridade parece exercer papel fundamental. A escala de sonoridade é um componente essencial para dar conta de padrões intra e intersilábicos. a partir da noção da existência dessa escala, foram propostos princípios que tendem a ser respeitados por um considerável número de línguas, tais como o Princípio da Sequência de

Sonoridade (Clements, 1990), eu prevê que os segmentos mais sonoros se encontram mais próximo do núcleo silábico, e a Lei do Contato silábico (Murray e Vennemann, 1983), que, ao se referir a sequências consonantais intersilábicas, prevê que o elemento de coda da sílaba precedente deve ter um valor mais alto, na escala de sonoridade, do que o primeiro elemento da sílaba seguinte. (Alves, 2017, p. 130)

Os segmentos, portanto, se organizam dentro da sílaba, de modo que haja diferenças de sonoridade, como se observa nos ataques complexos de *claro* e *pranto*, em que as sequências obstruintes + líquidas respeitam a escala, e também nas codas complexas de *transferir* e *grãos*, em que há nasal + obstruinte. Quanto à distribuição dos segmentos, cada língua desenvolve suas restrições fonotáticas para o preenchimento das posições de ataque e coda. Por exemplo, em português, na segunda posição de ataque, só podem figurar as líquidas, [l] e [r], enquanto, na coda, na primeira posição, entram apenas nasais (*constante*) e róticos (*perspica*), e, na segunda, /l, R, S, N/.

Vale destacar também outro princípio relacionado à estruturação silábica, o Princípio da Preservação da Estrutura (Kiparsky, 1982), que delimita os processos de estruturação para o nível do léxico e impede a criação de novas estruturas silábicas (variações estruturais são regras pós-lexicais (Bisol, 2001).

3 NASALIDADE EM PORTUGUÊS

Os segmentos nasais apresentam comportamento peculiar em português. Sabendo-se que consoantes têm as margens silábicas (ataque e coda) como posições possíveis, a distinção no quadro das nasais está relacionada à posição na estrutura silábica que esses segmentos ocupam. Do ponto de vista articulatorio, três parâmetros são relevantes para a distinção das consoantes, quais sejam: modo de articulação, ponto de articulação e vozeamento. Em posição de ataque, o parâmetro de modo de articulação agrupa os segmentos na categoria de nasais, uma vez que, no momento da sua produção, ocorre o abaixamento do véu palatino, liberando a corrente de ar pela cavidade nasal. O vozeamento dos segmentos torna-se um parâmetro redundante, pois todos os segmentos nasais em português são naturalmente vozeados. O ponto de articulação é o que diferencia os segmentos nasais nessa língua. Observem-se os pares mínimos a seguir: ['mẽ.mɐ], ['mẽ.nɐ] e ['mẽ.jɐ]. A distinção entre as consoantes de ataque da segunda sílaba se deve à posição dos articuladores no trato oral. Há, portanto, três fonemas nasais em posição de ataque (medial): a nasal bilabial /m/, a nasal alveolar /n/ e a nasal palatal /ɲ/.

Na posição de coda silábica, entretanto, observa-se a neutralização do ponto de articulação. Ou seja, o parâmetro que diferenciava os segmentos em posição de ataque silábico perde as propriedades distintivas em posição de coda. Uma das peculiaridades do quadro das nasais é que, diferentemente do que ocorre em línguas como o inglês, em que as nasais mantêm seus pontos de articulação em posição de coda (['mæn], ['stɔrm]), em português os segmentos nasais em coda não são licenciados, ou seja, mantêm-se na estrutura subjacente, espalhando seu traço [+nasal] para a vogal antecedente, mas não apresentam manifestação concreta se não estiverem em contexto medial. Por exemplo, em posição de coda final, em que não há segmento posterior à vogal, a consoante não se manifesta, reduzindo-se a zero – [ix.'mẽ∅] –, ao passo que, em contexto medial, a

consoante, além de transferir a nasalidade para a vogal, assimila o ponto de articulação do segmento seguinte, realizando-se como [n] diante de alveolar, como [m] diante de bilabial, como [ŋ] diante de velar e como [ɲ] diante de palatal – ['pẽⁿ.sɐ], [ka.'ʃĩ^m.bɔ], ['sũⁿ.gɐ], ['mõⁿ.ʒɪ].

A literatura fonológica sobre o português discute dois tipos de nasalidade, quais sejam i) a nasalidade fonética, de caráter alofônico, apresentada nos exemplos seguintes: [pẽ.'nax] x [pe.'kax], [kõ.'mew] x [ko.'xew], ['ẽ.mɔ] x ['a.tɔ], [fi.'nu.rɐ] x [fi.'su.rɐ], ['pũ.ɲɔ] x ['pu.lɔ]; e ii) a nasalidade fonológica, de caráter contrastivo, como se observa nos pares ['a.ʒɐ] x ['ẽⁿ.ʒɐ], ['se.dɐ] x ['sẽⁿ.dɐ], ['trɔ.pɐ] x ['trõ^m.pɐ], ['vi.gɐ] x ['vĩⁿ.gɐ], ['nũⁿ.kɐ] x ['nu.kɐ].

A nasalidade fonética não tem efeito distintivo em relação às formas da língua, diferentemente do que ocorre na nasalidade fonológica. O que ocorre nesse caso é que há uma fronteira silábica entre os segmentos vocálico e consonantal, ou seja, uma sílaba terminada em vogal seguida de outra, cuja posição de ataque é ocupada por consoante nasal. A partir daí, ocorre o espalhamento regressivo do traço [+ nasal] para a vogal precedente. O processo de nasalização é condicionado por três fatores: a. posição do acento – na tônica, a nasalidade é obrigatória ['kẽ.mɐ] e na pretônica (imediate ou mediata), variável [põ.'ma.dɐ] x [po.'ma.dɐ] / [kẽ.me.'lo] x [ka.me.'lo]; b. natureza da consoante nasal – variável diante de bilabial e alveolar [kẽ.'me.lɔ] x [ka.'me.lɔ], [grẽ.'no.lɐ] x [gra.'no.lɐ], e obrigatória diante de palatal, independentemente da posição silábica [pẽ.ɲo.'ra.dɔ], [kõ.'ɲa.kɪ], ['ũ.ɲɐ]; c. origem do falante – Sul e Sudeste apresentando menos nasalização; Norte e Nordeste, mais nasalização.

A nasalidade fonológica é objeto de diversas discussões teóricas que chegam a três grandes interpretações: a monofonêmica, a bifonêmica e a suprasegmental. A primeira leitura postula que há um quadro de cinco vogais nasais, ao lado do quadro de sete vogais orais. A análise bifonêmica considera que a nasalidade resulta da combinação de um segmento vocálico e de uma consoante nasal, tal como nas transcrições /'ponta/ e ['põ.tɐ], ou ainda de um segmento vocálico e do arquifonema nasal, como demonstrado em /'poNta/ e ['põⁿ.tɐ]. Já a terceira interpretação observa a nasalidade como um fenômeno suprasegmental, postulando que vogais nasais são alofones dos fonemas orais aos quais a nasalidade é sobreposta.

Observa-se, no caso da nasalidade em português, além do espalhamento do traço [+ nasal] para a vogal que precede o segmento nasal, a atuação de outros fatores a favor da interpretação bifonêmica. Dentre os argumentos, destacam-se a impossibilidade de formação de proparoxítonos com a penúltima sílaba contendo vogal nasal – *['a.ʒẽⁿ.dɐ] x [a.'ʒẽⁿ.dɐ] x [a.ʒẽⁿ.'dah] –, o que indica tratar-se de sílaba pesada; o comportamento da sílaba travada em vogal nasal como uma sílaba travada por consoante, por exemplo, pela realização de um /r/ forte e nunca do brando após vogal nasal – [õⁿ.'xɐ], [ẽⁿ.xi.ke.'sex] x ['ow.rɔ], ['bej.rɐ] –, por a sílaba com a vogal nasal não sofrer crase se em contexto de sândi – [ũ.u.'mẽ.nɔ], [ix.'mẽ.a.'mi.gɐ], ['fi.i.'la.rɪw] –, e ainda pela inexistência de vogal nasal em hiato.

A segunda interpretação é a mais discutida tendo em vista que os distintos modelos teóricos de análise fonológica levam a diferentes explicações para o fenômeno. A Teoria

da Sílabla adota a leitura bifonêmica da nasal, baseando-se em dois fatores: o espalhamento de traços e a manutenção da unidade de tempo, que desencadeia o alongamento compensatório das vogais que antecedem segmentos nasais. Ao passo que, em casos de perda de outros segmentos, como dos róticos em coda final – [a.'mox] → [a.'mo∅] –, o alongamento da vogal anterior ocorre sozinho, nos casos da consoante nasal, o alongamento é somado à nasalização do segmento vocálico anterior.

Moraes e Wetzels (1992), com base na fonologia não-linear (Clements & Keyser, 1981, 1983), analisaram a nasalidade fonológica, a fim de observar se a fonética experimental corroboraria a interpretação bifonêmica – em que apenas a camada segmental da consoante nasal seria apagada, levando a um alongamento compensatório da vogal precedente, reorganizando, com isso, a duração no interior da sílaba – ou a monofonêmica – considerando-se que as vogais nasais estariam presentes na matriz fonológica. Os autores observaram dois *corpora* com vistas a medir a duração dos segmentos vocálicos, um *corpus* composto por 32 vocábulos com vogal [a] em posição pretônica: c[ɐ̃]minha (diminutivo) x c[a]minho; c[ɐ̃]ninho (diminutivo) x c[a]neta, e outro composto de 40 vocábulos que continham, em posição tônica, as mesmas vogais seguidas de consoante fricativa: cansa x caça.

Para discutir a duração dos segmentos vocálicos, os autores partiram de três possíveis explicações: i. a explicação articulatória, pela qual a duração de vogais nasais seria intrinsecamente superior à das vogais orais devido ao gesto articulatório suplementar de movimentação do véu palatino; ii. a explicação coarticulatória, pela qual a duração das vogais seria definida pela harmonia ou não do traço [± nasal] na sequência V + C: em caso de harmonia, a vogal seria breve – [ka.'dzi.nʊ], [kɐ̃.'ni.nʊ] –, e, em caso de contraste, a vogal seria longa – [kɐ̃.'dzi.nɐ̃], [ka.'ne.tɐ̃]; e iii. a explicação fonológica, pela qual a consoante nasal nasce na base da matriz fonológica em casos de nasalidade contrastiva, sendo ausente da forma fonética, a partir da transferência do traço [+ nasal] para a vogal que a precede; dessa forma, ocuparia uma posição apenas na camada temporal e deixaria para trás o alongamento compensatório como vestígio, o que implica dizer que vogais nasais teriam duração superior à de vogais orais e nasalizadas.

A partir das análises, os autores defendem que há três etapas no processo de nasalização: i. a primeira, em que o elemento nasal transfere seu traço [+nasal] para a vogal; ii. a segunda etapa, na qual a queda da consoante leva à associação da sua unidade temporal à vogal, e iii. uma terceira etapa, em que as vogais nasalizadas receberiam parte da duração da consoante oclusiva seguinte. Os resultados apontam para que a vogal nasal contrastiva, seja tônica seja átona, corresponda a dois segmentos na base: a vogal e o segmento nasal, corroborando a interpretação bifonêmica.

Note-se que essa interpretação para os segmentos nasais interfere diretamente na classificação de casos de alongamento compensatório, levando a uma descrição um pouco diferente daquela apresentada por Cristóvão Silva (2017, p. 55) ao mencionar que “Em português pode ocorrer o alongamento da vogal nasal final da palavra passarinho quando a sílaba final é apagada: [pasa'ri:]”. Para a autora, toda a sílaba final [nʊ] é apagada, ao passo que a interpretação bifonêmica considera a existência de dois segmentos na estrutura fonológica: a vogal e o arquifonema nasal /N/. Portanto, no caso de itens no

diminutivo, tomando por base a Teoria da Sílabas, o elemento apagado não seria a sílaba inteira, mas apenas a vogal postônica [ʊ].

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As atividades deste estudo envolveram desde o levantamento de dados até as suas análises. O fenômeno investigado na pesquisa é o alongamento compensatório motivado pela queda das vogais postônicas de vocábulos com morfema diminutivo. O objetivo primário do estudo é analisar a duração das sílabas tônicas de itens com e sem apagamento da postônica. Como objetivo secundário, propõe-se o contraste da diferença de alongamento das tônicas de itens lexicalizados e de diminutivos gramaticais. São analisados os comportamentos de quatro pares de itens lexicais, dois nos quais o morfema de diminutivo tem expoente gramatical – [ban.'kĩ.ɲʊ] → [ban.'kĩ∅], [tu.'dʒĩ.ɲʊ] → [tu.'dʒĩ∅] –, e dois em que ocorre a lexicalização da palavra no diminutivo – [ax.ma.'rĩ.ɲʊ] → [ax.ma.'rĩ∅], [do.'sĩ.ɲʊ] → [do.'sĩ∅]. Levanta-se como hipótese que, em itens lexicalizados, haveria menos alongamento do que em itens com morfema diminutivo, dada a necessidade de o falante reforçar o aspecto gramatical expresso pelo morfema nos casos de modificação.

A pesquisa contou com oito participantes do gênero feminino, nascidas na cidade do Rio de Janeiro, da faixa etária de 25 a 26 anos, cuja formação mínima é o nível superior completo em duas áreas do conhecimento: ciências da saúde e ciências humanas. Apesar de esta pesquisa não mapear a influência de fatores de ordem social nos dados, a seleção dos informantes foi feita com o objetivo de minimizar/nivelar a influência de condicionantes de ordem social para o fenômeno. Isso se justifica pelo fato de que o diminutivo é socialmente avaliado de acordo com o gênero e sexualidade do falante, sendo associado, às falas feminina e homossexual masculina (Gonçalves, 2005, 2019). Todos os informantes deram suas autorizações formais em termo de concordância explícita, assinado por via eletrônica, concordando com a utilização dos dados para pesquisa, com a divulgação dos resultados em trabalhos científicos, bem como com a garantia de proteção dos seus dados pessoais.

Para a coleta dos dados, foram elaborados dois textos escritos, nos quais as diferenças se encontram nas grafias dos itens diminutivos: um dos textos fazia a manutenção da vogal postônica, enquanto o outro demarcava a queda do segmento. Observem-se os textos a seguir:

Quadro 1: textos elaborados para leitura

TEXTO COM MANUTENÇÃO DA POSTÔNICA: comprei meu almoço ontem à tarde, no **armarinho** da esquina: lasanha congelada com um **docinho** de sobremesa. Cheguei em casa, descongelei a lasanha no microondas e deixei no **banquinho** da cozinha enquanto esperava esfriar. No tempo em que fui tomar um banho, o cachorro entrou pela janela e comeu **tudinho**.

TEXTO COM QUEDA DA POSTÔNICA: comprei meu almoço ontem à tarde, no **armarim** da esquina: lasanha congelada com um **docim** de sobremesa. Cheguei em casa, descongelei a lasanha no microondas e deixei no **banquim** da cozinha enquanto esperava esfriar. No tempo em que fui tomar um banho, o cachorro entrou pela janela e comeu **tudim**.

As informantes foram divididas em dois grupos e tiveram acesso a ambos os textos via aplicativo de bate-papo WhatsApp: o grupo A leu o texto com a manutenção primeiro e depois o texto com a queda, ao passo que o grupo B fez as leituras em ordem inversa. Solicitou-se às participantes que gravassem dois áudios, fazendo a leitura individual de cada texto. A seguir, a distribuição dos grupos:

Quadro 2: grupos de participantes

GRUPO A: manutenção / queda	GRUPO B: queda / manutenção
Identificação: Vi. Idade: 25 Formação: especialização incompleta Área do conhecimento: ciências da saúde	Identificação: Du. Idade: 25 Formação: especialização incompleta Área do conhecimento: ciências humanas
Identificação: My. Idade: 25 Formação: especialização completa Área do conhecimento: ciências humanas	Identificação: Le. Idade: 25 Formação: especialização completa Área do conhecimento: ciências da saúde
Identificação: La. Idade: 25 Formação: graduação completa Área do conhecimento: ciências da saúde	Identificação: Gi. Idade: 26 Formação: graduação completa Área do conhecimento: ciências da saúde
Identificação: Fe. Idade: 25 Formação: mestrado incompleto Área do conhecimento: ciências humanas	Identificação: Ur. Idade: 25 Formação: especialização incompleta Área do conhecimento: ciências humanas

Os áudios foram segmentados no programa de análise acústica Praat. Os textos elaborados contam com oito itens no diminutivo, somando um total de 64 ocorrências. Descartaram-se os dados em que o informante fez a troca de paradigma (queda da postônica no texto que solicitava a sua manutenção ou o inverso). Apresenta-se, em sequência, a distribuição dos dados no *corpus*:

Quadro 3: distribuição do *corpus*

Diminutivo propriamente dito		Lexicalizações	
Manutenção	Queda	Manutenção	Queda
16 oc.	15 oc.	15 oc.	16 oc.
Total de dados: 62			

Postulam-se três resultados possíveis para as análises: i. observar uma diferença de duração intrínseca entre os casos de lexicalização e modificação (portanto, não relacionada ao alongamento compensatório motivado pela queda da vogal postônica, mas sim aos

paradigmas morfológicos observados); ii. verificar maior alongamento em um dos grupos, e iii. não encontrar diferença relevante entre as durações. A seção a seguir apresenta a análise dos dados.

Tendo em vista que a nasalidade vocálica em português está inserida em uma série de discussões teóricas (ver unidade 3), paralelamente aos objetivos relacionados ao cotejo dos dados com e sem alongamento compensatório após a queda da vogal postônica de palavras lexicalizadas ou modificadas pelo morfema diminutivo, este trabalho apresenta uma breve discussão acerca do estatuto da fonológico dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Para isso, também se desenvolve na unidade seguinte uma análise acústica qualitativa que compara o percentual de alongamento vocálico após a queda da postônica /U/ ao percentual de acréscimo atingido com a perda da coda final /R/ em itens nominais. Os dados de manutenção e queda da coda foram coletados a partir de dois áudios adicionais gravados por um dos sujeitos da pesquisa. Os áudios com manutenção e queda da postônica utilizados na análise comparativa também foram produzidos pela mesma informante. Destaque-se que a escolha da participante não foi motivada por fatores específicos.

5 DISCUSSÃO DOS DADOS

Esta unidade reúne as análises do trabalho. Inicialmente, elabora-se, a partir de dados de distintos tipos de alongamento compensatório, uma reflexão sobre o estatuto fonológico dos segmentos nasais em língua portuguesa, com base na Teoria da Sílabas. Em seguida, as análises de caráter quantitativo dos resultados do alongamento compensatório a partir da queda da vogal postônica final em itens com morfema diminutivo são apresentadas, com vistas a verificar as hipóteses levantadas.

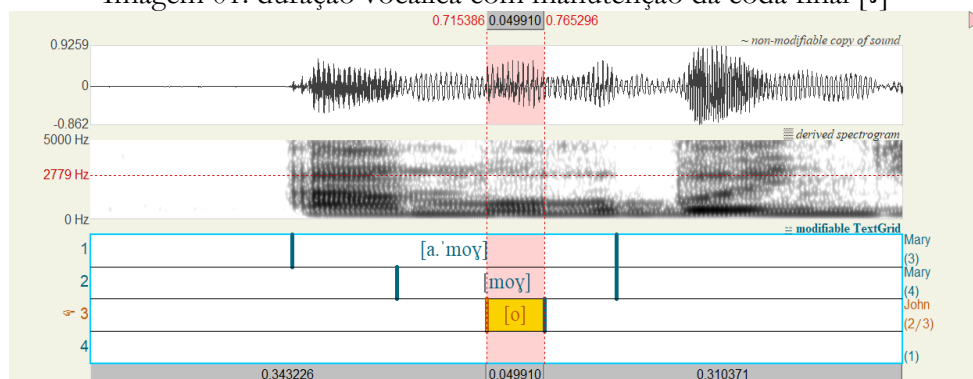
5.1 SOBRE O *STATUS* DA VOGAL NASAL EM PORTUGUÊS

Nesta seção, discutem-se dois tipos de alongamento compensatório, aquele motivado pela queda da vogal postônica final /U/, em itens diminutivos – [pax. 'kĩɲɔ] → [pax. 'kĩ∅] – e o alongamento gerado pela queda da coda final /R/, em itens nominais – [fe. 'dox] → [fe. 'do∅]. A análise qualitativa aqui desenvolvida é orientada para a reflexão sobre o estatuto das vogais nasais em PB, tendo em vista as interpretações distintas para os segmentos (ver item 3). Para a discussão, são apresentadas quatro transcrições da fala de uma mesma informante.

Além da leitura dos textos com manutenção e queda da postônica em itens diminutivos, solicitou-se a uma das participantes da pesquisa que gravasse dois áudios extras, em que se pudesse observar o alongamento compensatório motivado pela queda da coda final /R/, no item “amor”. Os áudios foram gravados a partir da leitura de duas frases fonológicas, sejam elas: i. [a. 'moʁ.bɐ̃n. 'dʒi.dʊ] (φ); ii. [a. 'mo∅.bɐ̃n. 'dʒi.dʊ] (φ).

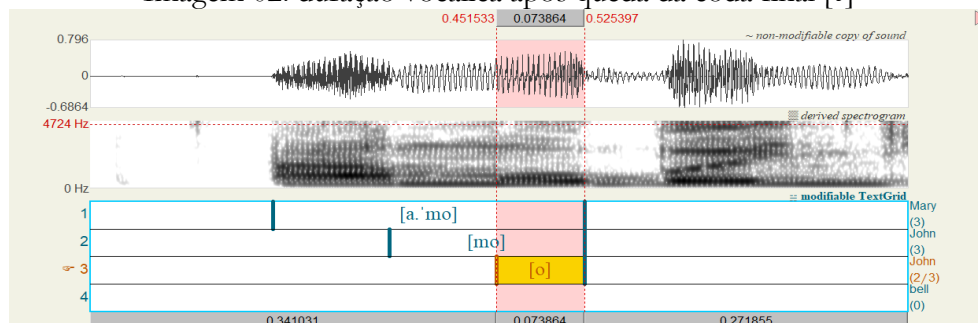
As imagens 01 e 02 a seguir apresentam as transcrições dos áudios com a manutenção e a queda da coda /R/ respectivamente:

Imagem 01: duração vocálica com manutenção da coda final [ɣ]



Fonte: elaborado pelos autores

Imagem 02: duração vocálica após queda da coda final [ɣ]



Fonte: elaborado pelos autores

Pode-se observar, nas imagens supracitadas, o aumento da duração que ocorre com a queda da coda final [ɣ]. Ao passo que a vogal da sílaba que contém a coda (figura 01) tem duração de 0.04 segundos, a sílaba sem a coda final (figura 02) apresenta duração superior, 0.07 segundos. O percentual de alongamento ocasionado pela perda do segmento é de 75%.

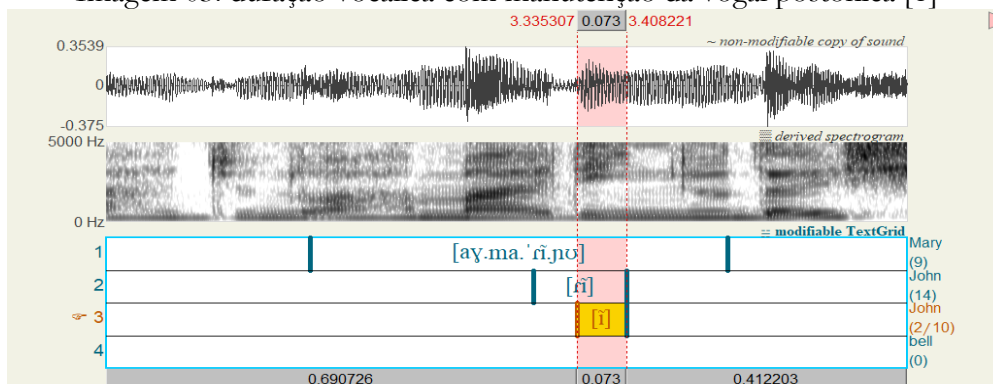
As vogais nasais e nasalizadas em português (ver item 3) apresentam características particulares no que se refere à sua duração. Os segmentos vocálicos ditos nasais são aqueles que ocupam a posição nuclear de uma sílaba travada por segmento nasal – /boNdaI/ –, ao passo que os segmentos classificados como nasalizados são aqueles que ocupam a posição nuclear de uma sílaba livre, seguida de outra sílaba cujo ataque é

preenchido por consoante nasal – /bonitU/. A distinção entre as vogais nasais e nasalizadas não reside apenas no fato de haver distinções posicionais entre as duas, mas também nos caracteres alofônico e contrastivo de ambas (ver item 3). Embora a literatura discuta as nasalidades fonética e fonológica, não se pode fazer uma associação unânime entre a posição silábica e o tipo de nasalidade, uma vez que, em casos de apócope da vogal postônica em itens no diminutivo – [ca.'xĩ.jũ] → [ca.'xĩ] –, ocorre uma rersilabificação que desloca a nasal de uma posição de ataque silábico para uma posição de coda. Com isso, a vogal que, antes da apócope, tinha *status* de nasalizada, passa a categoria de nasal. A mudança, entretanto, não afeta o caráter da nasalidade, resultando apenas em duas variantes.

A Teoria da Sílabla, a partir de seus subsídios teóricos, é capaz de explicar o motivo de haver diferenças de duração em relação a segmentos nasais e nasalizados. A partir dos postulados da teoria, durante a produção das vogais nasais, ocorrem três processos simultâneos, quais sejam: a transferência do traço [+ nasal] da consoante para a vogal, a queda do segmento nasal, que se torna flutuante, e a assimilação da camada esquelética de tempo da consoante pela vogal (Moraes & Wetzels, 1992). Já para as vogais nasalizadas, ocorre apenas a assimilação do traço [+ nasal] da consoante pela vogal, sem que a camada de tempo seja reassociada. Em ambos os contextos há alteração na duração da vogal, mas, no caso das vogais nasalizadas, isso se dá, de acordo com a explicação articulatória de Moraes & Wetzels (1992), pelo aumento dos gestos articulatórios empregados na produção da vogal, que se deve à movimentação do véu palatino para liberar parte da corrente de ar pela cavidade nasal.

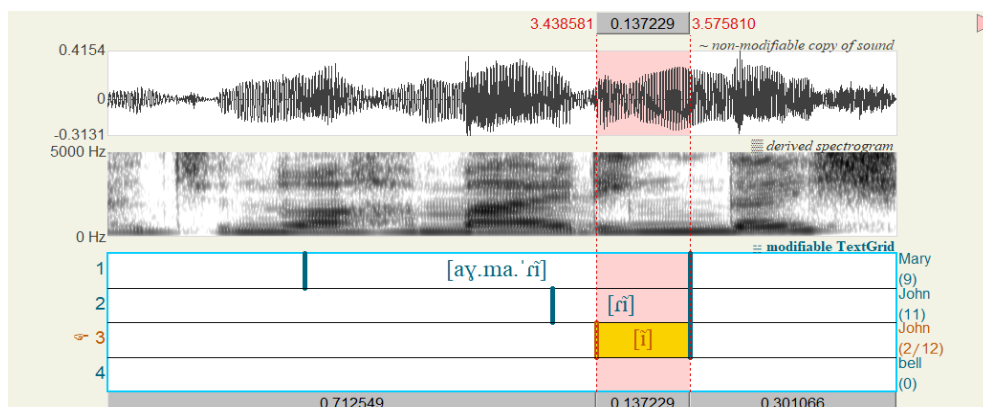
As imagens 03 e 04 a seguir apresentam as transcrições dos áudios com a manutenção e a queda da vogal postônica /U/ respectivamente:

Imagem 03: duração vocálica com manutenção da vogal postônica [u]



Fonte: elaborado pelos autores

Imagem 04: duração vocálica após queda da vogal postônica [u].



Fonte: elaborado pelos autores

A vogal da sílaba que antecede a queda (figura 03) é nasalizada, enquanto a vogal do item cuja sílaba final perde o núcleo (figura 04) é de fato nasal. A duração da vogal com a manutenção da postônica é 0.07 segundos e a vogal do item com queda da postônica tem duração de 0.13 segundos. Os dados indicam que houve aumento de 85% na duração após a perda do segmento final.

A diferença percentual manifestada entre o alongamento compensatório após a queda da coda /R/ e aquele motivado pela queda da vogal postônica /U/ de palavras com morfema diminutivo é de 10%. Tal diferença de quantidade entre os dois tipos de alongamento é um indicativo de que não ocorre exatamente o mesmo processo em ambos os casos. Esse resultado está relacionado ao fato de que, no caso da perda da coda /R/, um segmento é apagado apenas, mas, em se tratando da perda da vogal postônica /U/ em palavras com morfema diminutivo, além da perda segmental, ocorre a ressilabificação supracitada da consoante nasal palatal [ɲ]. Os dados aqui analisados corroboram a interpretação bifonêmica para os segmentos vocálicos nasais.

5.2 ANÁLISE QUALITATIVA

Para a avaliação qualitativa da duração das vogais, a análise dos dados teve em vista a comparação em quatro etapas, considerando-se os resultados mais gerais e mais específicos. Os dados foram observados de acordo com os seguintes resultados: i. a diferença geral da média de duração das vogais, tendo em vista todos os casos de manutenção e de queda da vogal postônica; ii. a distinção de duração das vogais dos grupos de diminutivo propriamente dito e de lexicalizações, antes da queda das vogais postônicas; iii. o contraste das médias dos percentuais de alongamento de ambos os grupos, e ii. a avaliação do alongamento compensatório em cada item lexical. As durações médias são apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 4: síntese dos resultados das durações vocálicas

ÍNDICES	MANUTENÇÃO DA POSTÔNICA	QUEDA DA POSTÔNICA

	I. Diminutivo	II. Lexicalização	III. Diminutivo	IV. Lexicalização
A. Média dos itens	a. banquinho 0.06 ms	c. armarinho 0.07 ms	a. banquim 0.14 ms	c. armarim 0.15 ms
	b. tudinho 0.08 ms	d. docinho 0.06 ms	b. tudim 0.16 ms	d. docim 0.14 ms
B. Média do tipo de item	0.07 ms	0,06 ms	0,15 ms	0,14 ms
C. Média geral dos grupos	Com manutenção: 0.06 ms		Com queda: 0.14 ms	

Inicialmente, apresentam-se as comparações dos resultados da diferença de duração média das vogais dos dois grupos, nos casos de manutenção e queda da postônica (linha C do quadro – *média geral dos grupos*). Tal comparação é estabelecida com o objetivo de precisar o quão maiores são as sílabas que sofrem alongamento compensatório, independentemente do tipo de item sobre o qual o fenômeno incide. A média da duração dos itens com manutenção da vogal postônica é de 0,06 ms, já a dos casos de queda da postônica é 0,14 ms. O resultado do aumento é de 133%.

Em seguida, foram observadas as distinções de duração dos grupos, considerando-se apenas as médias dos casos de manutenção das vogais postônicas (as colunas I e II da linha B apresentada no quadro – *média do tipo de item*). Tal cálculo tem como objetivo verificar se há diferença de duração das vogais tônicas dentro dos dois paradigmas morfológicos observados (lexicalização e modificação) que anteceda a queda da vogal átona final. Os resultados indicam o valor de 0.07 ms como média da duração vocálica dos itens em que o diminutivo é gramatical, e 0.06 ms para a média das vogais de itens lexicalizados. A diferença encontrada entre itens lexicalizados e com diminutivo propriamente dito, portanto, é mínima, refutando a hipótese de que haveria distinção prévia entre a duração vocálica de ambas as categorias, e indicando que a duração não expressa nenhuma função morfológica.

Dando sequência às análises, os resultados dos casos de lexicalização e de diminutivo gramatical foram comparados, considerando-se o percentual de aumento da duração que ocorre após a queda da postônica dentro dos grupos específicos (observando-se a diferença entre as colunas I e III e II e IV da linha B do quadro – *média do tipo de item*). O contraste do percentual de aumento da duração nos grupos de itens com diminutivo propriamente dito e com lexicalização foi estabelecido com o intuito de averiguar se há maior alongamento em um dos grupos ou se não há diferença relevante entre os seus percentuais. Os resultados da análise indicam um aumento de 114% nos dados de diminutivo gramatical, contra 133% de aumento nos dados de lexicalização. A diferença percentual entre ambos é de 19%, o que refuta a hipótese inicial de que o falante

reforçaria o diminutivo gramatical após a queda da postônica, modulando o alongamento vocálico; mas, em contrapartida, aponta para uma distinção de duração que privilegia os casos de lexicalização. Resta verificar, em análises futuras, se as diferenças percentuais encontradas são estatisticamente significativas.

Finalmente, observaram-se os percentuais de alongamento de cada item (analisando-se as diferenças na média de cada vocábulo após a queda da vogal adjacente, com base na linha A do quadro – *média dos itens*). Tal cálculo foi feito a fim de se discutir se haveria alguma interferência dos dados individualmente no percentual de alongamento. Os resultados são os seguintes: a. [ban.'kĩ∅] (133%); b. [do.'sĩ∅] (133%); c. [aʁ.ma.'rĩ∅] (114%); d. [tu.'dʒĩ∅] (100%). Os dois primeiros itens supracitados, apesar de pertencerem a grupos distintos, apresentam resultados percentuais idênticos de alongamento, que se mostram superiores aos percentuais de aumento dos dois demais itens.

No que diz respeito aos dois paradigmas investigados – diminutivos gramaticais e itens lexicalizados –, esses resultados apontam para duas questões: i. inicialmente vão de encontro à hipótese primária, que previa maior aumento nos casos de diminutivos gramaticais, e ii. secundariamente, por extrapolarem os seus paradigmas, aproximando ambos os grupos, apontam para a irrelevância do fator *tipo de item* para o condicionamento do fenômeno.

Já no que se refere aos dados individualmente, a distinção entre os resultados de aumento encontra-se entre 19% e 33%. Sabendo-se que o alongamento compensatório de vogais nasalizadas nos casos de queda das vogais postônicas é bastante expressivo – tendo em vista as distinções entre os tipos de alongamentos abordadas no item 4.1 –, podem-se levantar novas questões sobre as relações entre o fenômeno investigado e condicionamentos estruturais e/ou lexicais, quais sejam:

- a. Um dos dados analisados no trabalho apresenta estrutura distinta dos demais – o item “armarinho” é constituído por quatro sílabas, enquanto os demais, por três. O item apresentou o valor de 114% como média de alongamento após a queda da vogal postônica (o segundo valor mais baixo dentre os itens). Seria a *dimensão do vocábulo* um fator condicionante para o alongamento compensatório?
- b. Tendo em vista que, nos dados investigados, as sílabas nas quais a vogal é alongada são encabeçadas por consoantes distintas – tepe alveolar [r], em “armarinho”; fricativa alveolar surda [s], em “docinho”; oclusiva velar surda [k], em banquinho; africada pós-alveolar sonora [dʒ], em “tudinho” –, a *qualidade do ataque silábico* interfere no percentual de alongamento?
- c. Enquanto três dados analisados estão em fronteiras de frases fonológicas [no armarim] (φ); [um docim] (φ); [no banquim] (φ), o item “tudinho” encontra-se também em fronteira de frase entoacional e de enunciado [[No tempo em que fui tomar um banho] (I) [o cachorro entrou pela janela] (I) [[e comeu] (φ) [tudim] (φ)] (I) (U). Pode-se considerar a *posição do vocábulo na estrutura prosódica*³ um condicionador do fenômeno?

³A estrutura do português, de acordo com a Fonologia Prosódica, organiza-se hierarquicamente. A hierarquia prosódica consiste em uma representação abstrata da arquitetura da fala. Sua estrutura prevê que

- d. Há uma distinção de classes de palavras nos itens com o morfema diminutivo. Ao passo que "tudinho" é um pronome, os demais são nomes. O morfema [-inh-] que modifica o pronome "tudo" é, portanto, um diminutivo gramatical de fato ou tem *status* intermediário entre os dois casos investigados – partícula lexicalizadora ou morfema gramatical –, sendo, com isso, relevante a *gradiência morfológica do formativo*?
- e. A duração das vogais nasais/nasalizadas nos casos de diminutivos é condicionada pelo *item lexical*?

Ainda que haja alguma interferência dos fatores linguísticos mencionados no percentual de aumento da duração vocálica para o caso de alongamento compensatório analisado neste trabalho, o estudo piloto aqui realizado não dispõe de quantidade suficiente de dados para que tais fatores sejam investigados. Somente em análises futuras, com ampliação do *corpus* e maior controle metodológico, tais questões poderão ser iluminadas.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho investigou o alongamento compensatório a partir da queda da vogal postônica [ɔ] de itens lexicais no diminutivo, em dados de fala carioca. A discussão apresentada envolveu a distinção morfológica entre itens modificados pelo morfema diminutivo (“banquinho”, “tudinho”) e itens lexicalizados (“docinho”, “armarinho”). Propôs-se, como hipótese, que os casos de diminutivo propriamente dito teriam duração maior do que os itens lexicalizados, tendo como horizonte o reforço do aspecto gramatical expresso pelo morfema nos casos de modificação.

A base teórica adotada seguiu os pressupostos da Teoria da Sílabas. O trabalho contou com metodologias autorais de coleta e análise de dados de leitura que buscaram observar e mapear as durações das sílabas tônicas de itens com e sem apagamento da vogal postônica, propondo o contraste da diferença de alongamento das tônicas de itens lexicalizados e de diminutivos gramaticais. Apresentaram-se análises qualitativas das durações dos segmentos, bem como dos percentuais de alongamento vocálico após a queda da vogal postônica subsequente.

Em síntese, os dados corroboram a interpretação bifonêmica para os segmentos vocálicos nasais (Moraes & Wetzels, 1992), haja vista os aumentos percentuais expressivos da duração vocálica da sílaba tônica após a queda da vogal postônica em todos os casos. Adicionalmente, os resultados obtidos: a. refutam a hipótese primária de que haveria distinção entre o comportamento de itens lexicalizados e diminutivos propriamente ditos, em que se privilegiaria o alongamento no segundo grupo quando da queda da vogal postônica; b. argumentam contra a hipótese secundária de que haveria distinção intrínseca

um enunciado é composto de constituintes binários que estabelecem entre si uma relação de dominante e dominado. Assim, a hierarquia é formada por um constituinte mais alto – o enunciado (U) – que domina todas as unidades abaixo, quais sejam: frase entoacional (I), frase fonológica (Φ), grupo clítico (C), palavra fonológica (ω) pé métrico (Σ) e sílaba (σ) (cf. Tenani, 2017; Bisol, 2001).

entre as durações vocálicas das duas categorias, e c. esboçam a possibilidade de haver outros condicionamentos de ordem linguística para o fenômeno.

No que diz respeito às diferenças percentuais encontradas no *corpus*, levanta-se o questionamento sobre a relevância estatística da distinção da quantidade de alongamento de itens com e sem lexicalização. A organização do *corpus* a partir de um grupo de fatores linguísticos – *tipo de item* – e de cinco grupos de fatores sociais – *faixa etária, origem geográfica, gênero, escolaridade e área de formação dos informantes* – busca servir de aporte para a ampliação da amostra, a fim de permitir futuras análises estatísticas do fenômeno, de orientação sociolinguística, com base em critérios explorados pela literatura da área.

Algumas questões podem ser levantadas sobre o fenômeno investigado, quais sejam: a. há alguma interferência de fatores linguísticos como *dimensão do vocábulo, qualidade do ataque silábico, posição do vocábulo na estrutura prosódica, gradiência morfológica do formativo* ou do próprio *item lexical* para a quantidade de alongamento observada? Tendo em vista o caráter incipiente deste estudo piloto, que conta com poucos dados, apenas a partir de metodologias de coleta e de análise de dados mais detalhadas, bem como da investigação de *corpora* mais expressivos, tais questões poderão ser examinadas.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. (org.). **A construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2017.
- ALVES, U. K. Teoria da Sílabas. In: HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia. **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 125-139.
- BATISTA DA SILVEIRA, E. F.. Contribuições da Fonologia para o Ensino: o acento de palavra. In: Eliana Crispim França Luquetti; Sérgio Arruda de Moura. (Org.). **Linguística em perspectiva: cognição e ensino de língua e literatura**. 1ed. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2017, v. 1, p. 92-107.
- BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. Ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: ABAURRE, Maria Bernadete M. (org.) **A construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 21-52.
- CLEMENTS, G. N. The role of sonority circle in core syllabification. In: KINGSTON, J; BECKMAN, M. (orgs.) **Papers in laboratory phonology I**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, pp. 283-333.
- CLEMENTS, G. N; KEYSER, S. J. **CV phonology: a generative theory of the syllable**. Linguistic inquiry monograph. Cambridge, MA: MIT Press, n. 9, 1983.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. IN: BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. Ed. Porto Alegre: Edipucrs, p. 101-129, 2001.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2017.
- GONÇALVES, C. A. V. **Flexão e derivação em português**. Rio de Janeiro: Setor de Publicações da Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.

- GONÇALVES, C. A. V. **Morfologia** (coleção Linguística para o ensino superior). São Paulo: Parábola, 2019.
- HYMAN, L. M. **A theory of phonological weight**. Dordrecht: Foris, 1985.ma, 1976. Tese (Ph.D) - MIT
- KAHN, D. **Syllable-Based generalizations in English phonology**. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1976.
- KIPARSKY, P. Lexical Morphology and Phonology. In: L-S. Yang ed., *Linguistics in the Morning Calm*, Hanshin, Seoul, (1982), pp. 3-91 .
- MEZZOMO, C. L. Análise acústica como subsídio para a descrição da aquisição do constituinte coda. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 38, nº 2, p. 75-82, junho de 2003.
- MORAES, J. A; WETZELS, W. L. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, vol. 23, pp 153-66, 1992.
- MURRAY, R. W; VENNEMANN, T. Sound change and syllable structure in Germanic phonology. *Language*, n. 59, 1983, pp. 514-528.
- SELKIRK, E. The Syllable. In: HULST, H; SMITH, V. D. (eds) **The structure of phonological representations**. Part II. Foris, Dordrecht, 1982, pp. 337-383.
- TENANI, Luciana. Fonologia Prosódica. In HORA, Demerval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia. **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 109-124.